

A LITERATURA BIOGRÁFICA em leitura atualizada

André Luis Mitidieri

O repertório memorialístico trilha um longo percurso, desde as formulações platônico-aristotélicas até Cícero, Quintiliano, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, Michel de Montaigne, John Locke e Henri Bergson. No entanto, a memória se via refugiada nos estudos do campo psicológico e ainda hoje não merece capítulos especiais em trabalhos que se abrigam sob o título comum da teoria literária. Como acontece na história e na sociologia, para ficar com os ramos do saber aqui destacados, o tema somente recebe considerável atenção dos estudos literários no século XX.

Mesmo assim, está por surgir uma obra do porte das de Maurice Halbwachs (1952), pela sociologia, e de Jacques Le Goff (2003), pela história, que trate em particular das relações entre memória e literatura, um flagrante débito, ao se pensar que, do lado da produção literária, há quase um século existem os vultosos textos de James Joyce e Marcel Proust, por exemplo. Nem tudo é ausência: três dos mais respeitados pensadores do campo literário no século passado, Mikhail Bakhtin, Walter Benjamin e Paul Ricoeur, abordam a problemática da memória. Pelas bordas, já que apenas Bakhtin porta o título de licenciado em letras, mais especificamente, em “história e filologia”, pela Universidade de São Petersburgo.

Não seria de estranhar os traços que assinalam a contribuição de Bakhtin à teoria e à análise cultural:

Uma visão unitária, transdisciplinar, das ciências humanas e da produção cultural, baseada, nas palavras de Todorov, na ‘identidade de seus materiais, de seus textos e de seu

método: a interpretação'. A definição abrangente de Bakhtin para texto, como aquilo que diz respeito a toda produção cultural fundada na linguagem (e para Bakhtin não há produção cultural *fora* da linguagem), tem o mérito de apagar as linhas divisórias entre *texte* e *hors-texte* (STAM, 1992, p. 13).

Historiadores dedicam trabalhos de grande monta aos mecanismos do apagamento e da memória, de olvido e silenciamento. Harald Weinrich (2001) assim fala do desejo de esquecer: “O escrito é mais intensamente esquecido quando — como pela primeira vez em Alexandria — se queimaram bibliotecas: um pensamento obsessivo de Jorge Luis Borges, Elias Canetti e Umberto Eco, um trauma alemão desde o auto de fé de livros de 10 de maio de 1933” (p. 22). Apesar da construção discursiva dos fatos, e da subjetividade expressa pelo historiador, o conhecimento histórico não elimina a prova. Entretanto, para escovar a história ao contrário, como Benjamin “exortava a fazer, é preciso aprender a ler os testemunhos às avessas, contra as intenções de quem os produziu. Só dessa maneira será possível levar em conta tanto as relações de força quanto aquilo que é irreduzível a elas” (GINZBURG, 2002, p. 43).

Nesse intuito, a segunda metade do século XX passa por uma “febre memorialista”; segue os resíduos pretéritos em notações culturais que conseguem sobreviver à fúria devastadora da modernidade. Leitores mostram-se ávidos pelas autobiografias, por livros de memórias, pelas biografias. Na história e na literatura, os interesses também se voltam à oralidade; um “objeto literário deixa de identificar-se como documento escrito, chegando inclusive a acolher a literatura oral” (SOUZA, 1987, p. 133).

As formas realistas, muitas delas, de teor autobiográfico e biográfico, não proporcionam acesso imediato à realidade, mas tampouco obstruem a visão dos rastros do passado, dessa passagem de uma presença, como lembra Ricoeur (1994, p. 196-216), apoiado em Marc Bloch (2001). A história da vida privada, doméstica, os foros íntimos e o cotidiano passam a ser aceitos pelos estudos históricos; com todas as deformações, esquecimentos e obliterações implicados no processo da escrita, sobrepõem-se à esfera pública da história. Para a maioria dos “talentos criativos do mundo não europeu que não estavam confinados por suas tradições nem eram simples ocidentalizadores, a tarefa principal parecia ser descobrir, erguer o véu e apresentar a realidade contemporânea de seus povos” (HOBSBAWM, 1995, p. 190).

O gênero biográfico é um velho conhecido dos historiadores ligados ao marxismo, como Eric Hobsbawm. A interpretações marxistas voltadas para o domínio da abordagem sociológica, outros vetores juntam-se a partir dos anos 1970, especialmente, os aportes da psicanálise, em vínculo estreito com as próprias discussões ocorridas no âmbito de renovação da ciência histórica. Não causaria espanto que

Pierre Chaunu, campeão da história serial, voltada para o coletivo, saudasse entusiasmado, em 1982, uma nova leva de biografias com elevadas tiragens. Afinal, por que não encarar essas obras, destinadas a reencontrar a palpitação do ser, o destino individual e o drama da consciência, como uma espécie de compensação à tradição dos *Annales*, funcionando ambas as tendências como o *yin* e o *yang* alternados do pensamento chinês, indicando o holismo e o individualismo presentes em todas as sociedades? (NEVES, 2002).

Jacques Le Goff (2003) afirma que a biografia é “um gênero maior da história e produziu obras-primas, como o *Frederico II Kaiser (Friedrich der Zweite)*, de Ernst Kantorowicz” (p. 35). Outros historiadores concordam quanto ao fato de que com “a variação do significado e da definição de um conceito dado pelos sujeitos das análises, como biografia e autobiografia, variam as interpretações e as relações feitas sobre o objeto” (SCHEINER, 2001).

No Brasil, parece que jornalistas vêm produzindo mais biografias do que historiadores de ofício e profissionais das letras. Como exemplo das narrativas biográficas elaboradas no campo do jornalismo, podemos escutar o som e a fúria do Tim Maia reescrito por Nelson Motta (2007) e sentir “algo de podre” no reino dos detalhes tão pequenos que seria, ou não é bem assim, como relata Paulo César de Araújo (2003). Isso, sem falar nos clássicos de Fernando Morais, Rui Castro e Sérgio Cabral.

Das paixões despertadas pelo Vinicius do José Castello (1994) à vida de Clarice contada por Nádía Gotlib (1998) e à poesia de Mário Faustino revivida com Lília Chaves (2004), professores de literatura renovam o ângulo biográfico de abordagem dos escritores. Portanto, desencadernem seu Machado nos restauros de Maria Helena Werneck (1996), pois, com exceção das “personalidades que monopolizam os trabalhos, como Machado de Assis, Euclides da Cunha e Lima Barreto, pouco há, e não seduzem as teses universitárias, embora ultimamente surjam indícios de retomada” (GALVÃO, 2005, p. 113).

Ainda existem os trabalhos biográficos da professora Maria Eugenia Boaventura (2007) sobre Alexandre Eulálio Diletante, Couto de Barros, Eurico Alves, Fábio Luz e Oswald de Andrade. Uma das mais importantes obras nesse conjunto é relançada durante o novo milênio: *A vida de Lima Barreto*, escrita nos anos 1950 por Francisco de Assis Barbosa (2002). Ocorre que a literatura funciona também “como instrumento de exclusão, pois apenas no século XX, e nas últimas décadas principalmente, as formas de expressão populares receberam atestado de legitimidade artística, podendo ser inseridas ao cânone e circular pelas escolas e pelas instituições culturais” (ZILBERMAN, 2006, p. 47).

Quando se trata das biografias em geral, o mercado brasileiro nos anos 1990 deveria ter-se incrementado em mais de 50%, segundo “atesta o surgimento de algumas coleções, como *Perfis do Rio e Projeto Biografia*” (HERSCHMANN; PEREIRA, 2002,

p. 141). Correm por fora a cinebiografia, as ciberbiografias, as redes virtuais de amigos, com seus perfis ou *profiles*, muitas vezes, feitos por outros, quando não falsos, ou *fake*. Porém, a biografia é uma coisa e outra coisa, as formas biográficas, entre as quais, as biografias romaneadas.

A editora Planeta da Espanha mantém uma coleção, *Memoria de la historia*, em que algumas personagens, em funções de personalidades históricas, oferecem a impressão de vivenciar os eventos dos quais o ser histórico em si haveria tomado parte. Sob outra forma, a história é narrada em terceira pessoa, sem abdicar das normas e convenções que regem o trabalho de um historiador. No entanto, as narrativas demonstram-se mais agradáveis à leitura do que qualquer daqueles volumosos tratados de orientação positivista, canônicos no século XIX e pelo menos, até a primeira metade do século XX (Cf. ROMERA CASTILLO, 2007).

As biografias trazidas à tona por Carlo Ginzburg (1987) e Laura de Mello e Souza (2000) incluem-se entre importantes mostras dum fértil diálogo da história com a literatura. Suas obras confirmam o diferencial do método, da epistemologia e dos fatores culturais, a distingui-los de um contista, romancista ou romancista, embora utilizem artifícios que tornam seus estudos tão sedutores quanto uma boa narrativa ficcional. Desse modo, engrossam conclusões quanto à problemática do trabalho histórico não se concentrar na forma, antes residindo no caráter da história contada e naquilo que dela se espera.

É possível a estilização romanesca da biografia, segundo constatada em João Felício dos Santos (1958, 1960, 1962, 1964, 1968, 1976, 1979), dentre outros romancistas que utilizam tal estratégia, mas a obra ficcional enfrenta processos de figuração, dispositivos retóricos destinados a configurá-la. O tratamento da personagem biográfica não constitui problema ontológico, pois, se o autor mentir, caluniar, difamar, as questões recaem no terreno da ética. Menos vale quem seria o inspirador da personagem e mais valor têm os mecanismos por meio dos quais cabe tratá-los como literários:

conceitos como literatura culta/literatura de massa/ literatura popular, ou literatura nacional/literatura universal, ficção/nãoficção perdem sua força delimitadora. Hoje se torna impensável a noção de que a literatura só é tal quando produzida por um gênio, por uma espécie de inspiração inexplicável, que não deve nada à tradição ou às instituições ou pessoas que formam o chamado sistema literário. As bandeiras atuais são o hibridismo e a intertextualidade: nada provém do nada. (BORDINI, 2006, p. 15)

Assim, o reconhecimento da variedade dos gêneros englobados pela literatura biográfica poderia determinar outro “universal literário”¹, mas não apenas um gênero e isso ainda, caso pertencesse apenas aos campos literários. A biografia, sim, é um gênero,

mas híbrido e no qual, ao narrar um outro, o biógrafo termina por narrar a si mesmo, mostrando as inúmeras facetas reveladas pelo outro, ou que outros lhe apresentam desse sujeito-objeto.

Minando as representações lineares da história da literatura, ao mesmo tempo, esfacelando sua imagem de corpo inquebrantável, o hipertexto com o qual a memória se põe a dialogar envolve uma dialética entre as operações biográfica, historiográfica e literária. Philippe Lejeune (2008) então oferece subsídios para que o espaço biográfico e a literatura biográfica sejam vistos como zonas bordejadas pela história, a poética e a literatura, mas também pela filosofia, a pedagogia, a retórica, a psicanálise, a semiótica, a sociologia etc.

O estabelecimento da biografia não corresponde à existência do indivíduo ou das noções de individualidade. Tampouco se relaciona aos modos de percebê-los, mas ao conceito de tal percepção, segundo Giovanni Levi (1996). O historiador diz que, a partir “do romance (Sterne, Diderot), porquanto esse tentava construir a imagem de um homem complexo, contraditório, cujo caráter, opiniões e atitudes estavam em perpétua formação, essa crise chega à autobiografia (Rousseau) e finalmente à biografia propriamente dita” (p. 170).

Outro representante do campo da história, Paulo Castagnoli Pereira das Neves (2002) discorre sobre o ceticismo, a dúvida e o interesse por condutas humanas, que inserem a biografia crítica, desenvolta, indutiva e realista nas tendências gerais do século XVIII, contudo, “juntamente com o nascimento do romance à Fielding, Smollett e Sterne”. Já Peter Burke (1997, p. 98) lembra que “Rousseau, nas suas *Confessions*, apresenta a sua própria vida dessa forma. O *Bildungsroman* como foi escrito por Goethe e outros seria inconcebível sem essa mudança de visão”.

O educador Jonaedson Carino (1999, p. 163) reitera: “O século XVIII introduz mudanças no gênero biográfico que equivalem a uma mudança de mentalidade da sociedade. Na arte narrativa, essa nova mentalidade encarna-se na forma ‘romance.’” No entanto, um conhecido manual de literatura, denominado *Dicionário de narratologia*, estabelece que a biografia romanceada busca técnicas de caracterização da personagem, “de tratamento do tempo, de ilustração, de espaços etc., consolidadas pela tradição romanesca propriamente dita; deste modo, a biografia acaba por ser tributária do legado de subgêneros como o romance de educação, o *roman fleuve*, o romance histórico etc.” (REIS; LOPES, 1994, p. 49).

O crítico Álvaro Lins (1964, p. 345) já tinha considerado um “curioso fenômeno: na mesma proporção em que a biografia se apodera dos elementos do romance, o romance se apodera dos elementos biográficos. Multiplicam-se por toda parte os

romances biográficos e as biografias romanceadas”. Para Mikhail Bakhtin (1990, p. 250), o gênero romanesco apoia-se nas técnicas biográficas; suas acepções de dialogismo e plurilinguismo desleem afirmativos categóricos que concebem as relações entre a biografia e o romance em direção unilateral. Desler significa que, quando o fazemos, “relemos, deslemos, experimentamos e deslocamos os clássicos de *trás para adiante*” (BOTELHO, 2004, p. 169-170).

Por sua vez, Giovanni Levi (1996) fixa uma rede através da qual as representações da complexidade humana caminham do romance à autobiografia e à biografia. Dessa forma, ele deixa de atentar à própria recomendação para que se observe “o papel das incoerências entre as próprias normas (e não mais apenas as contradições entre a norma e seu efetivo funcionamento) no seio de cada sistema social” (p. 179). O estudioso italiano também parece não obedecer a seu conselho para considerar os modos “como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições — sempre há uma margem que pode escapar ao determinado” (LEVI, 1996, p. 180).

Contrariando as normas disciplinares, o interesse despertado pelas biografias e sua utilização pela narrativa ficcional contemporânea vinculam-se aos movimentos da sociedade e à prática de compartilhar o saber através de convivências transdisciplinares.² Além disso, “a mídia entretém hoje uma grande fome de imagens e de testemunhos, uma enorme curiosidade sobre a vida das pessoas: quer-se ‘consumir a vida dos outros’, próximos e longínquos, como se evidencia no sucesso dos *reality-shows* na televisão” (BORGES, 2007).

É por tudo isso que, há tempos, vem ficando no ar a pergunta sobre como proceder à abordagem de uma obra literária pela perspectiva da biografia, enquanto sua relação com a teoria literária ainda se mostra incipiente, concentrando-se mais na referência e nas questões acerca do gênero narrativo. Nesse sentido, a ficção biográfica, tratada como subgênero do romance contemporâneo, vem se transformando: de notação emergente em hegemônica. Assim, é preferível enveredar por transcurso que me afaste, o quanto possível, dos vícios classificatórios que obcecaram a história da literatura de corte tradicional:

Ironicamente, Borges ensaja a seu leitor, possível ficcionista ou provável filósofo, livrar-se de classificações, até então genericamente respeitadas como corretas, senão mesmo como *naturalmente* corretas. A ficção nega qualquer cumplicidade com o fictício [...] despreza a inferioridade a que lhe relegara a razão e passa a julgar os demais discursos segundo os seus próprios parâmetros. O controle da razão passa a ceder ao controle exercido pela... ficção. Entre um e outro controle, a situação não se torna menos insatisfatória. Seria preciso que o discurso então dominante fosse menos controlador. (COSTA LIMA, 1988, p. 368)

A partir daí, é preciso ler o autor do livro teórico *La biographie*, Daniel Madélenat (1983) somente até onde for possível. Os prováveis sentidos para um fértil diálogo entre filosofia, história e literatura devem ser buscados em suas vinculações com os atuais estudos de crítica cultural. A procura começa nas “configurações registradas nos sistemas de referências, tais como a memória, a utopia, a emancipação e a experiência. Este me parece ser o nó da questão em que o imaginário da literatura possa ser o processo de infinitização da dimensão histórica das experiências humano-sociais” (DIEHL, 2004/2005, p. 149).

Rasuras à teorização sobre o biográfico permitem delinear um estudo narrativo da biografia, o qual, sem atrelá-la a um conceito teleológico, pode compreender seus relacionamentos históricos primários. Uma poética do espaço biográfico e da literatura biográfica pode utilizar formas retóricas, mas entendendo que a literatura depende de estruturas mais amplas. A articulação de sistemas teóricos leva-os a se imbricar, formando uma estrutura passível de acréscimos. Desde logo, sabendo que o “clássico” é igual ao DNA — cada um tem o seu — e serve “para entender quem somos e aonde chegamos e por isso os italianos são indispensáveis justamente para ser confrontados com os estrangeiros, e os estrangeiros são indispensáveis exatamente para ser confrontados com os italianos” (CALVINO, 1990, p. 16).

As biografias vêm sendo estudadas sob abordagens diluídas ou classificadas no limbo do romance histórico, documentário, dum gênero menor etc. “Talvez a resposta para esse comportamento esteja relacionada à incapacidade da crítica em lidar com o caráter híbrido das biografias: elas, em geral, estão constituídas pelo documental, interpretativo e ficcional” (HERSCHMANN; PEREIRA, 2002, p. 150).

As narrativas biográficas também se constituem pelo fictício, o filosófico, o pedagógico, o psicanalítico, o psicológico, o retórico, o semiológico, o semiótico etc. Daí que, ao inscrever minha voz, de alguma ou de outra forma, autobiográfica, no desenvolvimento teórico acerca da biografia, relembro que a teoria não ensina “o que é o sentido: quanto aos fatores de intenção, texto, leitor e contexto, contribuem, cada um, para uma soma que é o sentido” (CULLER, 1999, p. 116-117).

Ao citar, valho-me da moderna técnica da bricolagem, entretanto, sob a mirada de Antoine Compagnon (1996). Assim, dou créditos a quem os merece, quando práticas em curso insistem na ocultação das fontes ou no plágio deslavado. “A citação representa a prática primeira do texto, o fundamento da leitura e da escrita: citar é repetir o gesto arcaico do recortar-colar, a experiência original do papel, antes que ele seja a superfície de inscrição da letra, o suporte do texto manuscrito ou impresso” (p. 41).

A postura que adoto vem a ser mais ética do que poética, retórica, filosófica, histórica ou literária; antes de mais nada, consiste em agenciamento ético. Num segundo plano,

restitui o conceito de um responsável pela enunciação, sem confundi-lo com a ideia de autoria genial. Se a memória está localizada numa região do cérebro denominada “hipocampo”, esta leitura constrói-se a partir de hipotextos, como ao tratar “dos signos do texto, das linguagens que o atravessam e que formam como que a profundidade achamlotada das frases” (BARTHES, 2004, p. 29).

Como Gregório de Mattos Guerra que, em seus poemas, constrói a recorrente personagem Dona Bahia, procurei centrar o foco em uma protagonista de vampiresca existência. Ela andou com filósofos, historiadores, poetas, políticos etc. Ainda hoje, segue dando o que falar, envolvida com distintos profissionais e mais ainda se nas mãos de escritores e jornalistas. Trata-se da volúvel Dona Biografia, tanto quanto a história e a literatura, uma “senhora muito intrigante” (cf. LAJOLO, 1994).

Quero instigar à leitura de obras cuja qualidade não se determina pelo gênero ao qual pertencem, do mesmo modo que o gênero romanesco não é nem melhor nem pior devido à incidência de *best-sellers* em seu conjunto. Cada parêntese deste texto poderá abrir novos campos referenciais ao leitor que, assim, os explorará conforme desejar ou necessitar, à maneira dos fractais, autossimilares e “independentes em escala, ou seja, cada pequena seção de um fractal pode ser vista como uma réplica em tamanho menor de todo o fractal. O que significa que podemos recorrer a um padrão dentro de outro padrão e assim por diante, partindo da complexidade maior do todo” (PENA, 2004, p. 61).

Constato então que acabo de chegar ao ponto esclarecido na segunda das *Três propostas para o próximo milênio...* de Ricardo Piglia (2000) como “limite”: a impossibilidade de a linguagem exprimir uma verdade. Talvez o autor das *Seis propostas para o próximo milênio* também pensasse nisso, pois além da sexta proposta, “Consistência”, que fica inconclusa, teria material para outras propostas. Sua viúva, Esther Calvino, diz apenas conhecer “o título daquela que poderia ter sido a oitava: ‘Sobre o começo e o fim’ (dos romances), mas até hoje não consegui encontrar esse texto. Apenas anotações” (CALVINO, 1990, p. 5).

Outras vozes, diversos narradores, falam por mim desde o começo da pesquisa e agora, no momento em que o fim acaba sendo um novo princípio. Este é um ponto de talvez longo percurso já que, se os docentes, por séculos, viram-se condenados a reproduzir leituras, “vêm buscando recuperar o tempo perdido, reinventando o projeto de difusão da literatura, devotando-se ao público fujão e procurando trazê-lo de volta às hostes das Letras. A história contará se a iniciativa deu certo” (ZILBERMAN, 2005, p. 27).

Por fim, a presente leitura, embora panorâmica, tenta indicar que o cânone perde razão de ser quando um sentido antepõe-se a uma concepção estabelecida. Daí que textos considerados essenciais ou fundamentais para alguns, como “A ilusão biográfica”, de Pierre Bourdieu, se tornem descartáveis para outros. Nesse caso, tanto mais, quando revelado

seu precursor nos *Comentários da guerra*, de Jean-Paul Sartre. No entanto, cada autor cria seus precursores, sua história, sua vida, sua novela. E o novelo está momentaneamente desenrolado.



NOTAS

- 1 A “moderna teoria literária tem postulado a distinção entre categorias abstractas, universais literários desprovidos de vínculos históricos rígidos — os modos: lírica, narrativa e drama — e categorias historicamente situadas e apreendidas por via empírica —, os géneros: romance, conto, tragédia, canção, etc. — Assim, falar de géneros narrativos é aludir a categorias históricas, tais como a epopeia, o romance, a novela ou o conto (v. estes termos), nos quais se reconhecem implicações periodológicas mais ou menos efetivas, e também, se quisermos ter em conta géneros que contemplam as propriedades de narratividade (v.), mas que nem sempre se inscrevem no campo da ficcionalidade, a autobiografia, a biografia ou o diário (v. estes termos), desde que neste último a dinâmica narrativa se sobreponha à propensão intimista” (REIS; LOPES, 1994, p. 187).
- 2 A “febre biográfica” chega inclusive ao famoso ursinho polar do Zoológico de Berlim. Sua biografia “autorizada” — *Knut, o pequeno filhote de urso* — é produzida pelo escritor norte-americano de livros infantis, Craig Hatkoff (Cf. DAMASCENO, 2007).

REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ARAÚJO, Paulo Cesar de. *Roberto Carlos em detalhes*. São Paulo: Planeta, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 2. ed. rev. aum. Traduzido por Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 2. ed. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOAVENTURA, Maria Eugenia. *Página pessoal de Maria Eugenia Boaventura*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~boaventu>>. Acesso em: 12 mar. 2007.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002.
- BORDINI, Maria da Glória. Estudos culturais e estudos literários. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, p. 11-22, 2006.
- BORGES, Vavy Pacheco. *Gabrielle Brune — Sieler, uma vida (1874-1940)*. Disponível em: <<http://sitemason.vanderbilt.edu/files/ivE2t2/Borges%20Vavy%20Pacheco.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2007.
- BOTELHO, Marcos. Por que des(ler) os clássicos em *Omeros*? *Légua & Meia, Revista de Literatura e Diversidade Cultural*, Feira de Santana, v. 3, n. 2, p. 164-170, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO; FERREIRA, 1996, p. 183-192.

- BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. Tradução de José Augusto Drummond. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 83-99, 1997.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. 3. ed. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano XX, n. 67, p. 153-181, ago. 1999.
- CASTELLO, José. *Vinicius de Moraes, o poeta da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CHAVES, Lília Silvestre. *Mário Faustino: uma biografia literária*. Belém: SECULT; IAP; APL, 2004.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 3. reimp. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- COSTA LIMA, Luiz. *O fingidor e o censor*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- COUTINHO, Eduardo. *Literatura comparada na América Latina*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.
- CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.
- DAMASCENO, Marcio. Urso Knut ganha biografia na Alemanha. In: BBCBRASIL.COM. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story>>. Acesso em: 26 jul. 2007.
- DIEHL, Astor Antônio. O sentido do conhecimento no tempo presente, as possibilidades entre História -Literatura e a questão da prova. *Revista Língua e Literatura*, Frederico Westphalen, v. 6/7, n. 10/11, p. 133-156, 2004/2005.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As musas sob assédio: literatura e indústria cultural no Brasil*. São Paulo: SENAC, 2005.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GOTLIB, Nádia Batella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- HARTOG, François. Regime de historicidade. *História Social*, Campinas, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html>>. Acesso em: 19 jan. 2008.
- HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O Boom da biografia e do biográfico na cultura contemporânea. In: OLINTO; SCHØLLHAMMER, 2002, p. 141-150. OLINTO, Heidrun Krieger; SCHØLLHAMMER, Karl Erik (Orgs.). *Literatura e mídia*. Rio de Janeiro: EDIPUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- HOBSBAWM, Erik. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2. ed. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JOBIM, José Luis et al. (Orgs.). *Sentidos dos lugares*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005.
- LAIJOLA, Marisa. Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes. In: MALLARD, Letícia (Org.). *História da Literatura: ensaios*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. p. 19-36.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et. al.]. Campinas, SP: Editora da UNESP, 2003.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO; FERREIRA, 1996, p. 167-182.
- LINS, Álvaro. Biografia e autenticidade. In: LINS, Álvaro. *O relógio e o quadrante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p. 344-366.
- MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: Press Universitaires de France, 1983.
- MELLO E SOUZA, Laura de. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 7. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MOTTA, Nelson. *Vale tudo: o som e a fúria de Tim Maia*. São Paulo: Objetiva, 2007.
- NEVES, Guilherme Paulo Castagnoli Pereira das. Elétrons não são intrinsecamente interessantes como gente. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH), 10., 2002, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: UERJ, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/ichf/anpuhrio/Anais/2002/Conferencias>>. Acesso em: 20 abr. 2005.
- PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- PIGLIA, Ricardo. *Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades)*. La Habana: Casa de las Américas, 2000. Disponível em: <<http://www.casadelasamericas.com/publicaciones/revistacasa/222/piglia.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2007.
- QUINTILIANO, Deise. *Sartre: philia e autobiografia*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. 4. ed. rev. aum. Coimbra: Almedina, 1994.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994. 3t.
- ROMERA CASTILLO, José. *Biografías literarias en la España actual*. Disponível em: <<http://www.uned.es/centro-investigacion-SELITEN@T/pdf/autobio/I7.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2007.
- SANTOS, João Felício dos. *Carlota Joaquina: a rainha devassa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- SANTOS, João Felício dos. *Cristo de lama*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- SANTOS, João Felício dos. *Ganga Zumba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- SANTOS, João Felício dos. *A guerrilheira: o romance da vida de Anita Garibaldi*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- SANTOS, João Felício dos. *João Abade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.
- SANTOS, João Felício dos. *Major Calabar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.
- SANTOS, João Felício dos. *Xica da Silva*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- SCHEINER, Viviane. Josefo, a retórica e as origens da biografia. In: CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS CLÁSSICOS, 4., 2001, Brasília. *Anais eletrônicos...* Brasília: UnB, 2001. Disponível em: <<http://www.geocities.com/textossbec/index.html>>. Acesso em: 05 mar. 2006.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. *Formação da teoria da literatura: inventário de pendências e protocolo de intenções*. Niterói: Ao Livro Técnico, 1987.
- STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Ática, 1992.
- WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado: Machado de Assis nas escritas das biografias*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- ZILBERMAN, Regina. Antonio Candido e o projeto de Brasil. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 35-47, 2006.
- ZILBERMAN, Regina. As letras e seus profissionais. In: JOBIM, 2005, p. 17-29. [ZILBERMAN, 2005].

Resumo

No presente artigo, busco reunir estudos, informações e aportes teóricos, ainda bastante dispersos em nosso país, acerca da literatura biográfica e de um dos gêneros por ela abarcados — a biografia — nas relações que pode estabelecer com outros locais de cultura, mais especificamente, com a história e a narrativa ficcional. Tecendo releituras e promovendo (des)leituras acerca do gênero biográfico, a partir do momento em que se instituiu e se firmou, apresento também um panorama atualizado de sua configuração no Brasil, visando a oferecer um guia de leitura para estudiosos que desejarem entender seus possíveis vínculos com as tendências contemporâneas da ficção romanesca.

Palavras-chave: Biografia; Literatura biográfica; Memória.

Resumen

En este artículo, busco reunir estudios, informaciones y aportes teóricos, aún muy dispersos en nuestro país, acerca de la literatura biográfica y de uno de los géneros por ella abarcados — la biografía — en las relaciones que puede fijar con otros locales de la cultura, más específicamente, con la historia y la narrativa ficcional. Ejerciendo relecturas y promoviendo (des)lecturas acerca del género biográfico, a partir del momento en lo cual se ha establecido y se ha firmado, presento también un breve panorama de su configuración en Brasil, visando ofrecer un guía de lectura para estudiosos que deseen entender sus posibles vínculos con las tendencias contemporâneas de la ficción romanesca.

Palabras-clave: Biografía; Literatura biográfica; Memoria.



MITIDIERI, André Luis. A literatura biográfica em leitura atualizada. *Légua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, A. 13, nº 6, 2014, p 84-95.

André Luis Mitidieri é doutor em Linguística e Letras pela PUCRS, pós-doutorado na UFRGS. Professor-adjunto de Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas na UESC, onde também ministra a disciplina de Leitura e História Literária no Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado em Linguagens e Representações. Docente-colaborador do PPGL — Mestrado em Literatura Comparada — da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI-FW). Publicou, em forma coletiva ou individual, *Novos olhares sobre Machado de Assis*, *Como e porque (des)ler os clássicos da biografia*, *Novos olhares ao texto dramático*/ *Nuevas miradas al texto dramático*.